

A PRETA: INTERVENÇÕES DE GÊNERO E RAÇA EM PROJETO DE EXTENSÃO

Michaele Rangel Torres¹, Sara Gonçala Pereira Lopes², Paulo Hernandes Gonçalves da Silva³

¹Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas – IFTO (Araguatins) – Bolsista Extensão, e-mail michaele.torres@estudante.ifto.edu.br;

²Estudante do curso Técnico em Agropecuária – IFTO (Araguatins) – Bolsista Extensão, e-mail: sara.lopes@estudante.ifto.edu.br;

³Doutor em Letras e Professor do Campus Araguaatins do IFTO, e-mail paulohg@ifto.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A situação da mulher negra no Brasil apresenta marcas de desigualdade social, ao se corroborar com as informações de diversos órgãos oficiais, como na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Pnad –, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), com base em dados de 2019, nota-se que mais da metade dos brasileiros era de pretos ou pardos: 56,10%. As desigualdades são vistas em estatísticas, porém, essa exclusão é ainda maior quando se trata da mulher preta.

Por conseguinte, elementos apresentados por De Deus (2022), evidenciam que esse desafio se sustenta com base em muitos eixos da sociedade brasileira, porém neste trabalho abordam-se apenas dois: o preconceito de gênero (vivido por toda mulher); e o de raça (que versa sobre a população preta e parda).

Logo, este artigo se justifica em desenvolver projetos que permitam consolidar a produção, o consumo e a formação do ser humano, numa perspectiva de valorização da mulher, tal qual a constituição exige, num princípio de igualdade. As atividades de arte foram desenvolvidas e buscam, principalmente, sensibilizar para a fruição de temas relacionados à valorização da mulher negra.

2 OBJETIVO

Evidenciar resultados parciais de ações extensionistas, por meio da arte, quanto à articulação do empoderamento feminino a estudantes da rede municipal para a compreensão da importância de assegurar direitos da mulher negra, com foco em aspectos intrínsecos de gênero e raça, com base em projeto de extensão executado por meio do Edital nº 31/2025/REI/IFTO - Projetos de Extensão Voltados à Arte e Cultura.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A concepção deste artigo ocorreu a partir dos dados preliminares constantes dos resultados do Projeto de Extensão com o título “A preta: gênero, raça, classe e religião”, aprovado para execução no município de Araguaatins-TO, por meio do Edital nº 31/2025/REI/IFTO (Projetos de Extensão voltados à arte e cultura). Desta forma, à luz de Gil (2008), os conteúdos foram escritos e definidos por meio de uma apurada revisão bibliográfica e descrição das ações realizadas.

Assim, o projeto de extensão teve a pretensão de dotar de sentido os atores envolvidos no desenvolvimento do trabalho em questões indenitárias, juntamente com a comunidade e a troca de conhecimento e informações. E para tanto, ainda para Gil (2008) e Neto (2008), é necessário ter critérios para a sua estruturação; logo este artigo ficou organizado em dois aspectos: a) demonstração dos preconceitos vivenciados pela mulher negra, com base discussões e dados relevantes; e b) apresentação de resultados parciais sobre gênero e raça.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Preconceitos vivenciados pelas mulheres negras

Segundo Lópes (2015), a construção da identidade de uma pessoa é um processo histórico e relacional. Só tomamos consciência do que somos quando nos relacionamos com outras identidades, o que nos possibilita sentirmos parte de um grupo. Destaque, portanto, que a discussão feita pelas

mulheres negras se constrói a partir de suas identidades como mulheres afro-americanas e caribenhas. Precisa-se de projetos que promovam uma discussão feminista que permitam a identidade e fidelidade religiosa e cultural, criando um elo teórico e de práxis com os muitos movimentos de mulheres das Américas, ressaltando sua vocação popular e ecumênica. Essa prerrogativa foi estabelecida também com a criação da data comemorativa 25 de julho, que o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha.

Outrossim, as questões de gênero e raça que excluem as mulheres negras se solidificam quando se trata de escolaridade, por exemplo, conforme gráfico 1:

Gráfico 1 - Escolaridade – população feminina negra



Fonte: Data Senado (2023)

A análise do gráfico 1, do Data Senado, demonstra que apenas 14% das mulheres negras possuem o ensino superior. Confirmado por Vieira (2023), os dados revelam que mais pessoas brancas o concluíram que pessoas negras. Em 2010, entre as pessoas com 25 anos ou mais, tinham ensino superior completo 16,6% dos brancos e apenas 5,7% dos negros — de novo uma diferença significativa. Quando a lupa é aumentada para o gênero, o percentual de mulheres brancas de 25 a 29 anos com ensino superior completo em 2010 era cerca de três vezes maior que o de mulheres negras — 23,4% sobre 7,8%.

Ademais, entre 2010 a 2019, porém, mulheres brancas e negras tiveram o mesmo percentual de aumento na frequência ao ensino superior, devido ao fato de ter quase dobrado o nível de frequência das mulheres negras. Isso, no entanto, não impediu que as brancas tivessem privilégios também nesse ponto da análise. As brancas tiveram um acréscimo de 22,2% para 30,7% de frequência nas aulas, em comparação à evolução de 9,3% para 17,8% das mulheres negras, preservando uma vantagem de 12,9 pontos percentuais (Vieira, 2023).

4.2 Resultados parciais sobre gênero e raça

Para o Fundo Brasil (2022), a condição de ser uma mulher negra no Brasil traz o enfrentamento de questões e barreiras que outros grupos da sociedade enfrentam em proporções bem menores. Logo, o fardo histórico do racismo e do machismo transforma em um sistema discriminatório na sociedade brasileira que direciona essas mulheres negras a estarem longe de serem prioridade. Nota-se que em 136 anos, desde a abolição da escravidão, ainda se percebe muitos indícios de uma sociedade racista que inferioriza, principalmente, as mulheres. A este respeito evidencia-se que:

O duplo preconceito, de gênero e de raça, sofrido pela mulher negra é visto nas pequenas e nas grandes atitudes. Críticas ao cabelo e aos traços físicos, uma mídia que ainda exibe um

ideal de beleza único, frases que diminuem suas conquistas e a maior dificuldade em se colocar no mercado de trabalho. Diante da sociedade patriarcal, as mulheres são submetidas à função de manutenção do núcleo familiar e, dessa forma, acumulam papéis que as deixam sobrecarregadas: acúmulo de tarefas domésticas, cobrança pelo cuidado com os filhos, além do cuidado com o parceiro (Fundo Brasil, 2022, p.1).

Por conseguinte, foram discutidas estratégias que articulem superação da problemática, conforme detalhadas a seguir, oriundas de discussões preliminares na Escola Municipal Nair Duarte e ainda no Centro de Referência de Assistência Social, (CRAS), na cidade de Araguatins, que se configura, como locais das intervenções extensionistas:

Quadro 1 – Estratégia para as mulheres: perspectiva educacional e artística

Discriminação	Estratégias
Gênero	<ul style="list-style-type: none">✓ Incentivar e apoiar artistas negras a ocuparem espaços de destaque na produção artística, seja em exposições, festivais, galerias ou plataformas online, ajuda a combater a invisibilidade e a promover a diversidade;✓ Articular conscientização contra o machismo estrutural;✓ Promover programas de sensibilização no ambiente escolar e de trabalho.
Raça	<ul style="list-style-type: none">✓ O grafite, por exemplo, pode ser usado para denunciar injustiças e retratar a realidade das comunidades marginalizadas, enquanto outras formas de arte podem ser usadas para expor estereótipos e preconceitos;✓ Divulgar os canais de denúncias à misoginia e preconceitos correlatos;✓ Divulgar a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006).

Fonte: Pesquisa de campo (2025)

Além das estratégias expostas no quadro 1, estratégias artísticas podem ser usadas para combater o preconceito contra mulheres negras, promovendo a valorização da identidade e cultura negra, desafiando estereótipos e construindo novas narrativas. E para tanto:

Nos permitiu vislumbrar algumas problematizações ainda ausentes e sinalizar possíveis percursos de investigação como: leituras da produção artística que explore a temática do racismo; a recepção crítica e legitimação da produção artística que aborde a temática do racismo; a participação das populações indígenas e negras nos cursos de formação em Arte; as assimetrias em materiais didáticos e currículos para a formação em Arte; as histórias dos pensamentos/movimentos de artistas educadores indígenas e negros pelo ensino de Arte; políticas educacionais e culturais para a promoção da igualdade para além da Lei n. 10.639/2003 e Lei n. 11.645/2008; as iniciativas de instituições culturais que nos fazem ver as desigualdades raciais no sistema da arte e seus ensinamentos; o estudo de acervos, discursos expográficos e mediações que valorizem a produção artística das populações indígenas e negras (Costa; Sardelich, 2023, p.15).

Por sua vez, a escola, segundo Davis (2016), atua como um espaço de transformação social e de construção de uma cultura antirracista. A implementação de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural inclusiva e questionem o racismo estrutural são essenciais para a formação de cidadãos conscientes, críticos e respeitosos às especificidades de todos os seres humanos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o preconceito de gênero e o racismo às mulheres negras se manifestam não só na falta de representatividade nos espaços públicos, nos guetos de exclusão e pobreza, ineficiências em políticas públicas de educação e saúde, mas também no imenso número de assassinatos que ocorrem todos os anos.

Por fim, são necessárias intervenções educacionais e artísticas contra a discriminação racial, que visam construir uma sociedade mais igualitária e inclusiva, combatendo os efeitos que se manifestam em desigualdades sociais e restrição de direitos. Outrossim, a discriminação racial não

afeta apenas a autoestima e o bem-estar psicológico das mulheres, mas também impede o acesso a serviços básicos como saúde, educação e emprego, perpetuando ciclos de pobreza e exclusão.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação do Grupo “CES em Ação” do Campus Araguatins do IFTO, por nos permitir uma prática interdisciplinar. Somos gratos também ao Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) do IFTO pelo fomento e apoio para a realização desta investigação, por meio do Edital nº 31/2025/REI/IFTO - Projetos de Extensão Voltados à Arte e Cultura.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, DF, 08 de ago. 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/. Acesso em: 29mar2024.

COSTA, N. De A; SARDELICH, M. E. **Visualidades antirracistas para o ensino de Artes Visuais**. Revista Gearte , v. 10, p. 1-26, 2023.

DATA SENADO, 2023. **Vulnerabilidade aumenta risco de violência contra mulher negra**. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/11/22/vulnerabilidade-aumenta-risco-de-violencia-contramulher-negra-aponta-datasenado>, Acesso em 05ago2025.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça, classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DE DEUS, Z.A. **Interseccionalidades da mulher negra no Brasil**. Relatório da Universidade Federal do Pará. 2022. Disponível em www.ufpa.edu.br/mulhernegra, Acesso em 01ma2024.

FUNDO BRASIL, **Mulheres negras: Desigualdade racial e de gênero (2022)**. Disponível em <https://www.fundobrasil.org.br/blog/mulheres-negras-desigualdade-racial-e-de-genero/>, Acesso em 03ago2025.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Pnad**. 2020. Disponível em <https://ibge.br/pnad> Acesso em 15mar2025.

LÓPEZ, M. M. **Sou negra e formosa: raça, gênero e religião**. Corporeidade, etnia e masculinidade. Reflexões do I Congresso Latino Americano de Gênero e Religião. Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Sinodal, 2015.

NETO, J. F. M. **Metodologias Participativas em Educação para os Direitos Humanos**. In Zenaide, M. N. T. et al. Direitos humanos: capacitação de educadores (pp. 203-211). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008.

VIEIRA, T. **Observatório da Branquitude: o retrato das diferenças no acesso à escolaridade entre mulheres negras e brancas (2023)**, Disponível em <https://observatorioda-branquitude.com.br/pesquisa-o-retrato-das-diferencas-no-acesso-a-escolaridade-entre-mulheres-negras-e-brancas/>, Acesso em 04ago2025.